



Coleção
Raízes do Futuro

08

COMUNIDADE DE CASA NOVA

GUARACIABA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Ana Maria Alves Coelho, Elisabete Aparecida Silva Alves, Franciele Aparecida do Rosário, João Victor Patrício Gonçalves, Maria Pedro Leonel, Renato Alves, Wanderliy Alves.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE DE CASA NOVA

GUARACIABA - MG

Localização da Comunidade

A comunidade de Casa Nova está localizada a 14 km da sede municipal de Guaraciaba, às margens do rio Piranga. Ela é composta também pelo povoado de Conceição. Conta com 64 moradores e 8 casas de campo, destinadas ao lazer, aluguel e rancho de pescas.



■ História

O povoado de Conceição recebeu esse nome porque o primeiro dono das terras foi Manezin da Conceição, cujo nome veio de sua mãe, chamada Conceição. Já a região conhecida como Casa Nova surgiu quando o morador Sô Né construiu sua fazenda, por volta de 1700. As pessoas diziam “vamos na casa nova de Sô Né”, e assim o nome acabou registrado oficialmente como Casa Nova.

O primeiro evento cultural da comunidade foi a tradicional Festa do Cruzeiro, que ocorreu em 1935 e foi idealizada por Sr. Janjão e Pedro Rosa, que eram primos. Essa festa reunia práticas religiosas como a encomendação das almas, a ladainha em latim e o ensino do terço às crianças. Também fazia parte da cultura local a partilha de alimentos simples e brincadeiras tradicionais. Durante muitos anos, havia apenas uma missa por ano, celebrada pelo padre Dimas.



■ Efigênia, filha do senhor Janjão, baluarte da Comunidade de Casa Nova.

A vida era difícil. As crianças geralmente nasciam em casa e, nos casos de risco, as grávidas eram levadas de charrete até o hospital das freiras, na cidade de Guaraciaba. Muitas vezes quem acompanhava era Maria de Mantico, primeira catequista da comunidade. Ela trouxe a tradição da novena de Natal para as famílias e ajudou a organizar as pastorais. Também buscou apoio do padre João, que trouxe o Santíssimo e celebrou a primeira missa na casa de José Eugênio, conhecido como Nigrim, junto com Conceição.



■ José Eugênio, conhecido como Nigrim e a esposa Conceição de Lana Alves.

Outro aspecto importante da vida cotidiana era o uso do barro branco, retirado às margens do rio. As mulheres buscavam essa argila para pintar as casas. Era comum plantar café, milho, arroz, feijão, cana, amendoim e mandioca.

Dentre as pessoas marcantes, destaca-se o Sr. Nico Pinto que foi fazendeiro, meeiro, produtor de queijo e rapadura, primeiro vereador da comunidade e dono do primeiro automóvel (um jeep). Ele socorria os pobres, oferecia roças para cultivo e ajudava meeiros como Sr. Dôdo e Sr. Nicolau. Embora não tivesse filhos, acolheu empregados e suas famílias em suas terras.

Na região de Casa Nova, o terreno de Fite Alves abrigava famílias de descendentes de escravizados, como a de Sr. José Pequeno. Sua descendência seguiu trabalhando nas fazendas, como Moacir, que foi empregado de Maria Damasia (Quiquita). Ali também viveram outros descendentes de escravizados, como Betoza.

Em 1944 foi construída a primeira escola, no terreiro da fazenda de Duca Alves e Dona Anitta. A primeira professora foi Geralda Alves. Duca também foi vice-prefeito e juiz de paz, enquanto Dona Anitta atuava como parteira, costureira, quitandeira e fazia vestidos de noiva. Na casa de Duca, além das reuniões políticas, o padre Dimas se hospedava. Foi ali também que surgiram o primeiro rádio e a primeira televisão da comunidade.

Outra família marcante foi a de Antônio Cassemiro da Silva e Joana Batista, que tiveram 17 filhos e se mudaram para a região em 1930. Antônio era filho da cigana D. Balbina, da cidade de Porto Firme. Ele deu trabalho a muitos meeiros e atuou inclusive como juiz de paz. A escola da comunidade recebeu o nome de Antônio Cassimiro da Silva. Sua filha, Maria de Mantico, deu continuidade ao trabalho comunitário, cuidando dos doentes e ensinando meninas a cozinhar, bordar, fazer doces e quitandas. José Leocádio, filho de pessoas escravizadas, foi uma pessoa importante na família Mantico. Trabalhou como carreiro de Antônio Cassimiro e, após a morte dele, continuou servindo à família.

As festas religiosas sempre tiveram grande importância. A Festa do Cruzeiro da Conceição, celebrada em 6 de setembro, incluía novenas, ladainhas, cirandas, leilões e levantamento do mastro com bandeira enfeitada pelas zeladoras. O padre se hospedava nas casas dos fazendeiros como Sr. Duca, Sr. Fiote ou Sr. Mantico. Hoje, a festa é realizada em agosto, já na capela construída pela comunidade sob orientação do padre Geraldo (Etê). A padroeira é Nossa Senhora da Conceição, e as famílias

ainda mantêm a tradição da encomendação das almas e da novena de Natal em família, iniciada por Maria de Mantico.

Casamentos eram comemorados em casa, com grandes festas, muita comida, cachaça, enfeites de papel crepom e bailes de sanfona. A vida era marcada pela solidariedade: os vizinhos ajudavam uns aos outros no trabalho e nas celebrações.

Em 1995, a comunidade enfrentou um grande desafio, com o projeto de construção da barragem de Pilar, que ameaçava destruir o meio ambiente e desalojar várias localidades (Jurumirim, Conceição, Casa Nova, Carioca e Três Tiros). A mobilização popular, com o apoio de vários parceiros, como padres da CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), pessoas ligadas à UFV (Universidade Federal de Viçosa), militantes do MAB (Movimentos dos Atingidos por Barragens), do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), agentes da Comissão Pastoral da Terra e demais amigos da região, como José Roberto Asparp, além de lideranças como Dom Luciano, contribuiu para impedir o projeto. A partir daí, todas as comunidades citadas passaram a ser conhecidas coletivamente como Casa Nova.



- Audiência pública, em Ponte Nova - MG, realizada em 1997, para debater a barragem do Pilar, com grande presença de atingidos de Casa Nova.

Durante essa mobilização, semanalmente eram realizadas reuniões para definir estratégias de proteção ao rio Piranga e como impedir a construção da barragem. Diante de qualquer ameaça das empresas, organizavam-se acampamentos às margens do rio. O movimento contou com o apoio de muitos amigos e de 98% dos moradores locais.

Em 1997, foi realizada a caminhada da cidade de Ponte Nova a Congonhas, organizada pelos padres, igrejas e pastores. Durante cinco dias, mais de 70 pessoas — entre idosos, adultos e jovens das comunidades de Casa Nova, Conceição, Bom Jardim e Carioca, além de apoiadores da UFV, do MAB e da Pastoral da Terra — participaram da mobilização. O ato público, conduzido de forma pacífica, teve grande repercussão.

O momento mais doloroso ocorreu em Belo Horizonte, quando o morador Chichico foi atropelado durante um ato público em defesa dos direitos da comunidade. Na época, não houve apoio dos prefeitos nem dos vereadores do município.

Com a luta do povo unido, o projeto da barragem foi indeferido no ano 2000. Muitos outros projetos apareceram depois, mas sempre encontraram resistência firme da comunidade. Foram tempos de sofrimento, dor, insegurança e depressão. Alguns idosos chegaram a falecer de tristeza, mas a fé manteve o povo de pé.



■ Reunião da ACMAP na escola da comunidade Casa Nova, durante a preparação para a audiência pública sobre o projeto UHE Pilar.

Além desse fato histórico, um outro símbolo é marcante na comunidade: uma cruz erguida no local onde uma mulher negra morreu de fome enquanto amamentava o filho, que também não sobreviveu. Nessa cruz eram enterrados os umbigos das crianças e os fetos de abortos naturais. Até hoje, todas as casas mantêm uma cruz na parede da frente, usada nas orações da encomendação das almas.

A comunidade também cultivava momentos de lazer. O campo de futebol, que deixou de ser usado durante a pandemia, foi por muito tempo espaço de convivência. Havia bailes, a tradicional festa de Santana e as festas de consoada de Natal, que são jantares natalinos nas residências dos moradores, que duravam todo o mês de dezembro e também entravam em janeiro.

Outro marco cultural foi a Festa do Carro de Boi, idealizada por D. Maria de Mantico, Sr. Mantico e Dé de Preto. Em 2004, 2005 e 2006, ela foi realizada no campo de futebol, na propriedade de Cosme e Dorinha, sob o nome de Encontro de Carros de Bois. De 2007 a 2015, passou a acontecer na casa do Sr. Mantico, por causa das dificuldades de deslocamento. No entanto, D. Maria, idealizadora e organizadora principal, adoeceu gravemente, e a festa passou a ser organizada por Wanderly Alves.



■ Atingido protesta em audiência pública de 1997, depositando hortaliças na cesta, simbolizando a fartura da produção da Comunidade de Casa Nova, ameaçada pelo projeto da barragem do Pilar.

■ Território

A comunidade, localizada na zona rural, possui acesso por estrada de chão batido. As casas ficam próximas umas das outras. É composta por um bar/mercearia e outro bar, além da igreja dedicada à Nossa Senhora da Conceição e de uma capela particular em homenagem a Nossa Senhora Aparecida. Há também um campo de futebol atualmente desativado, e o importante rio Piranga.



■ Festa do Carro de Boi.

Ainda sobre o território, os antigos trabalhavam nas baixadas dos morros, plantando o milho e arroz e também no alto dos morros, onde ficavam as lavouras de café. O serviço era todo braçal, feito com muito esforço físico, e o transporte dependia principalmente de bois e burros. As plantações de frutas aconteciam, em sua maioria, nos quintais das casas, enquanto a extração de matérias-primas vinha das capoeiras, usadas de diferentes formas no dia a dia.

A água que abastece a comunidade vem do rio Piranga, de poços artesianos e minas. Algumas casas recebem a água por meio de um córrego que chega para várias famílias.

Os espaços de lazer, educação e saúde incluem o centro de apoio comunitário e a capela.

A natureza é marcada pela abundância de água, muitas árvores, plantas medicinais, e também por áreas de eucalipto, sapé, cana-de-açúcar, poucos pés de café e pedreiras.

Quanto aos cuidados da natureza, infelizmente a população ainda preserva pouco, embora já tenham ocorrido algumas recuperações de nascentes. No geral, é a própria natureza que resiste e se mantém. Mesmo assim, todos esses elementos, antigos ou recentes, alterados ou não, são fundamentais para a vida da comunidade, pois garantem saúde, moradia, alimentação e lazer, sustentando os modos de vida locais.



■ Rio Piranga na comunidade de Casa Nova.

Economia e sociedade

A comunidade Casa Nova é um lugar de pessoas simples e trabalhadoras, com muita fartura de alimentos. Todos comem o que plantam em suas próprias terras. As terras são produtivas e existe água em abundância, pois a comunidade é banhada pelo rio Piranga.

O fluxo econômico se organiza entre o que precisa ser adquirido de fora e o que é produzido localmente e comercializado nas regiões vizinhas.

Como entrada, a comunidade depende de energia elétrica, eletrodomésticos, adubos e inseticidas, roupas e calçados, vasilhames, combustíveis, farinha de trigo, ferramentas, café, arroz e açúcar. Esses produtos geralmente são comprados nos municípios de Guaraciaba e Ponte Nova.

Já como saída, a comunidade produz e comercializa salgados, quitandas, móveis, mão de obra, lenha, queijos e derivados do leite, carvão, ovos e também destina o lixo para fora.

Atualmente, estão vivas as festas do Cruzeiro e de Nossa Senhora da Conceição, com celebrações todos os domingos e missa a cada dois meses. A tradição da encomendação das almas continua, assim como o Terço dos Homens, que já acontece há 14 anos. Há também, há mais de 30 anos, a Festa das Crianças de Nossa Senhora Aparecida, realizada na propriedade do Sr. Mantico, junto à capela rústica construída por Renatino em agradecimento a uma graça recebida.



■ Igreja Nossa Senhora da Conceição.

No dia 3 de maio, todas as famílias enfeitam as cruzes. Hoje, o principal lazer da é o rio Piranga e atividades físicas semanais. A comunidade não possui associação constituída.

O antigo grupo escolar está sendo organizado para se tornar um centro de apoio comunitário, iniciativa de Ana Maria Alves Coelho com o apoio de uma equipe formada por Maria Pedro Leonel, José Natividade Silva, José Geraldo Alves, Marlene

Eustáquio Alves, Alessandra Leonel Gonçalves, Edmalton Firmino, Agostinho Batista Coelho. A comunidade também conta com um Grupo de Jovens (coordenação de Ana Maria Alves Coelho), um Coral da Igreja (sob responsabilidade de Marlene) e o Projeto da Biblioteca Nhá Chica, desenvolvido por jovens como João Victor e Franciele, sob supervisão de Ana Maria.

A Equipe de Teatro “Casamento do Matuto”, dirigida por João Victor Gonçalves Patrício e apoiada por jovens como Túlio, Franciele, Nathanael e Washington, também fortalece a cultura local.



■ Encenação do casamento do Matuto - Grupo Teatral Nhá Chica.

Na beira do rio, há uma cruz que marca o envio dos padres Geraldo e Claret para a missão no Xingu, na Amazônia. O Cruzeiro do Pilar está localizado no Bom Jardim, em frente ao local onde seria construído o eixo da barragem do Pilar, às margens do rio Piranga.

A dinâmica anual da comunidade de Casa Nova é marcada por atividades agrícolas, religiosas e culturais, que se repetem ao longo dos meses.

Ao longo do ano, acontecem missas bimestrais na Igreja de Nossa Senhora da Conceição e Santos Cruzeiros. Além disso, todos os meses é realizada a reza do terço dos homens, também na igreja. A comunidade conta ainda com a Capela de Nossa Senhora Aparecida, uma capela particular construída em cumprimento a uma promessa. Esse espaço é utilizado

não apenas para momentos de oração, mas também para reuniões, casamentos e encontros do grupo de jovens.

Ocorre, em janeiro, a colheita do feijão e a reza de São Sebastião. Fevereiro é tempo de carnaval, adoração ao Santíssimo, preparo da terra para o feijão e produção de leite. Em março, a comunidade realiza o plantio da horta e do feijão, celebra aniversários e mantém a produção de leite.

Abril é marcado pela encenação das Almas e o terço dos homens. Em maio, além da colheita do café e do milho, acontece o plantio de alho. Junho é o mês da Festa do Carro de Boi, de Corpus Christi, da colheita de feijão, da produção de leite e também da reza do terço dos homens.

Em julho, ocorrem celebrações na capela, corte de cana, produção de leite e a reza do terço dos homens. Agosto traz o plantio de quiabo, a colheita de assa-peixe, a festa de Nossa Senhora da Conceição e produção de leite. Setembro é tempo de preparar a terra para o milho e o arroz, acontece a festa das charretes, além da produção de leite. Em outubro, há a celebração de Nossa Senhora Aparecida, o plantio do milho e a produção de leite.

Novembro é marcado pela capina do milho e produção de leite. Em dezembro, encerrando o ciclo anual, a comunidade realiza o jantar de Natal e celebrações na capela e na igreja. ■



■ Calendário Sazonal de Casa Nova - atividade do Projeto Raízes do Futuro.

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.